

**VILAS DO “VERDADEIRO NORTE”: NATIVIDADE E ARRAIAS, DOS  
OLHARES DE GEORGE GARDNER AOS DIAS DE HOJE**

**VILLAGES OF THE “VERDADEIRO NORTE”: NATIVIDADE E  
ARRAIAS, FROM THE PERSPECTIVE OF GEORGE GARDNER TO  
NOWADAYS**

**Larissa Barth<sup>1</sup>**

E-mail: larissa.barth18@outlook.com

**RESUMO:** No século XIX, viajantes naturalistas passaram a visitar o Brasil com o intuito de descrever e explorar o território. Entre eles estava George Gardner (1810-1849). Gardner percorreu regiões do Nordeste e do Brasil Central, entre 1836 e 1841, e registrou suas impressões no livro *Viagens no interior do Brasil*. Em suas narrativas, descreve detalhadamente aspectos das vilas e arraiais pelos quais passou na Província de Goyaz, entre outubro de 1839 e maio de 1840. A partir dessas narrativas, constrói-se uma imagem acerca de como essas vilas e arraiais eram no século XIX, o que permite comparar com seu estado nos dias atuais. Para essa pesquisa, destaco as vilas de Natividade e Arraias, ambas no atual estado do Tocantins. Ademais, por meio dessa pesquisa, percebe-se a formação urbana da antiga capitania e posterior província de Goiás.

**PALAVRAS-CHAVE:** George Gardner; Urbano; Natividade; Arraias; Preservação.

---

<sup>1</sup> Aluna pesquisadora e Graduanda no Curso de História pela Universidade Federal de Jataí (UFJ) – Jataí (GO) Brasil.

**RESUME:** In the 19th century, naturalist travelers began to come to Brazil in order to describe and explore the territory. Between them was George Gardner (1810-1849), a doctor, botanist and zoologist, who came to Brazil under the patronage of an english botanist. Gardner traveled through regions of the Northeast and central Brazil, between 1836 and 1841, and recorded his impressions in the book *Viagens no interior do Brasil*, which was the main source of this research. In his narratives, he describes in detail aspects of the villages he passed through in the Province of Goyaz, between October 1839 and May 1840. From these narratives, an imaginary is built about how these villages were in the 19th century, which allows comparing their preservation in nowadays, highlighting in this case the villages of Natividade and Arraias, both in the current state of Tocantins. Moreover, through this research, he noticed the urban formation of the former captaincy and later province of Goiás.

**KEY-WORDS:** George Gardner; Urban; Natividade; Arraias; Preservation.

Nessa pesquisa, a abordagem sobre a escrita do viajante estrangeiro, George Gardner, se transformará no foco em análise, e não em fonte complementar, e tal operação se faz válida pelo uso constante dessas fontes pelos historiadores e, também, pelas múltiplas possibilidades historiográficas que estas proporcionam. Os relatos dos viajantes estrangeiros possuem a qualidade de, entre outras coisas, abordar de maneira incisiva aspectos que passam de maneira involuntária, ou até mesmo se fazem ausentes, em outros tipos de fontes.

Por meio dos relatos de George Gardner, é possível criar-se uma imagem acerca das vilas e arraiais pelos quais o viajante percorreu na antiga província de Goiás, do século XIX. A partir da análise desses relatos, junto com a de dados das prefeituras municipais e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, compreende-se diversos aspectos do urbano que foram preservados, e estão presentes ainda nos dias de hoje.

Muitas das vezes para compormos os documentos sobre a história regional do Brasil Central somos levados ao encontro de duas fontes: os acervos presentes nos poucos arquivos e museus, com predomínio de obras manuscritas produzidas pelo executivo ao longo dos séculos; outra são os relatórios de viajantes estrangeiros que cruzaram as terras do Brasil central. Este conjunto documental é, no caso da historiografia acerca de Goiás,

cheio de detalhes sobre a história da antiga província (desde aspectos sociais, até os urbanos, aqui analisados) e ainda pouco explorado.

O *corpus* documental produzido por esses homens, que muitas vezes viram com espanto os costumes, as crenças e tradições das gentes que habitavam o território, é um rico material de pesquisa que ainda está longe de ser esgotado e suscita temas importantes e curiosos para novas teses sobre a passagem dos viajantes por Goyaz (MENEZES, 2018, p. 266).

Com a abertura dos portos às nações amigas, no início do século XIX, muitos viajantes estrangeiros passaram a vir ao Brasil para explorar um território, que para eles era considerado novo. A partir daí, muitos desses viajantes vinham por patrocínio, para realizarem pesquisas sobre fauna, flora, e acabavam escrevendo relatos extremamente ricos, servindo como importantes fontes à pesquisa histórica. Então, a historiografia goiana ainda pode alcançar novos resultados que utilizem como fonte, os relatos e narrativas dos viajantes naturalistas que passaram pela província de Goyaz no século XIX, bem como as iconografias produzidas pelos mesmos.

A iconografia e os relatos de viagem, buscam, assim, descrever de modo exaustivo e profundos os diversos elementos que compõe cada lugar. Esse aspecto do trabalho científico dos naturalistas do século XIX pode parecer, aos leitores do século XX, meramente “pitoresco” ou “romântico”, no sentido pejorativo que a palavra adquiriu. No século XXI, para rejeitar os possíveis anacronismos interpretativos, é preciso compreender que, para os naturalistas do século XIX, a ciência devia buscar descrever a totalidade de elementos que atuavam em um fenômeno local. É como se cada parte contivesse o todo (KURY, 2001, P. 870).

Logo, é possível observar que, mesmo que os viajantes naturalistas vinham com o intuito de produzir relatos e iconografias voltadas ao meio científico, esses produziam escritas detalhadas sobre os diversos aspectos que encontravam em suas viagens. Desse modo, os relatos trazem aspectos importantes sobre os espaços urbanos, por exemplo.

O relato de viagem, esse gênero híbrido, fugidio<sup>2</sup>, caracteriza-se por, segundo Mary Anne Junqueira (2011), pressupor um leitor, independendo da distância entre a viagem e o momento da escrita do texto, operar com noções de lugares diferentes, inspirar outros relatos ao longo do tempo e ocupar uma fronteira tênue entre ficção e veracidade. Logo, ele ocupa um lugar definido como gênero literário.

Aquele que escreve — nem sempre é o viajante que ocupa esse papel —, esforça-se na tarefa de “traduzir” o *outro* para seus leitores. François Hartog, ao estudar as “*Histórias* de Heródoto” (o “pai da História”), por exemplo, analisa aquilo que ele denomina “retórica da alteridade”. Nesse sentido, ele identifica que a escrita da narrativa de viagem carrega alguns “mecanismos de inteligibilidade” que, em grande medida, reduzem o *outro* ao já conhecido (BAGGIO, 2009), valendo-se da analogia, da comparação, do paralelo, da inversão.

Portanto, ainda que se pretenda neutro, o relato de viagem é um gênero que obedece a convenções, a padrões estéticos e literários. Ao escrever o relato, o viajante pode intencionalmente ser o mais imparcial possível, no entanto, ainda assim segue padrões próprios da literatura de viagem e responde às expectativas quanto à sua forma e ao seu conteúdo. Partindo, então, do pressuposto de que cada relato é uma imagem, uma representação daquilo que se observa, é essencial que compreendamos o contexto do local visitado, da viagem e o universo cultural do próprio viajante<sup>3</sup> para que, enfim, possamos esquadriñar aquilo que ele escreveu sobre os espaços habitados por onde passou.

Os relatos, as narrativas dos viajantes naturalistas que estiveram na região em busca de descobrir a flora, a fauna e os minerais do Brasil, é cercado por um discurso próprio do europeu que convivia com a expansão capitalista marcada pelo avanço das comunicações, transporte e indústria. Então estes discursos não devem ser arrancados de seu tempo e espaço, mas sim colocados ao lado de outros discursos produzidos na região e que apontem para as mesmas questões.

Entre os viajantes que estiveram na Província de Goiás no século XIX, destaco: Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), botânico francês que percorreu a antiga província

---

<sup>2</sup> Mary Anne Junqueira (2011) e Amílcar Torrão Filho (2010) definem o relato de viagem, respectivamente, como um gênero híbrido e um gênero fugidio.

<sup>3</sup> Segundo Junqueira (2011), as opiniões e os julgamentos apontavam mais para o âmbito cultural do próprio viajante do que para o lugar visitado.

goiana em 1819; Francis Castelnau (1810-1880), naturalista inglês que visitou Goyaz em 1844 a serviço da França; William John Burchell (1782-1863), desenhista inglês que visitou a região em 1828; George Gardner (1813-1849), fonte dessa pesquisa.

### **George Gardner e suas relações com Natividade e Arraias: o que se preservou até os dias atuais?**

George Gardner nasceu na cidade de Glasgow, na Escócia, em 1810, e se tornou médico, botânico e zoólogo. Ele foi patrocinado pelo botânico inglês William Hooker, para vir ao Brasil e coletar espécies botânicas que seriam levadas para museus da Inglaterra. Gardner então chega ao Brasil em 1836, e passa pelas antigas províncias do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Ceará, Piauí, Goiás, e Minas Gerais. Durante toda sua viagem, escreve seus relatos, que resultaram no livro *“Viagens no Brasil”*, publicado em 1846, sendo traduzido para o português apenas em 1942 e reeditado em 1975. Tal obra é minha principal fonte de pesquisa.

Na província de Goyaz do século XIX, George Gardner chega em outubro de 1839, e permanece até maio de 1840. Ao passar por diversas vilas e arraiais dessa região, descreve os mesmos detalhadamente, destacando aspectos como o número de habitantes, habitações, ruas, comércios, igrejas. Com a leitura detalhada desses aspectos, é possível criar uma imagem acerca dessas vilas e arraiais, e fazer um exercício de comparação de como esses estão na atualidade.

Quando se pensa em um Goiás do século XIX, urbanizado, deve-se conceituar qual “urbano” se fala, já que o “conceito de urbano se relaciona a um processo histórico e depende da referência teórica” (LENCIONE, 2008, p. 121). Muitas vezes, principalmente na área de Geografia, relaciona-se com o processo de urbanização, a revolução industrial, inviabilizando o espaço urbano das “urbes medievais” e das polis gregas por exemplo.

Contudo, esses locais também possuíam um modo de produção, além de “aspectos sócio-culturais, que são bases para uma cidade ser analisada pelo seu conteúdo, além da realidade material” (CARLOS, 2004, p. 18). Ademais, o Brasil passou pela industrialização somente a partir do começo do século XX, então se a ideia de urbanização

fosse pautada somente com o advento da industrialização, muitas cidades brasileiras, e, portanto, as goianas, não seriam consideradas urbanas.

Nos conjuntos dos arraiais setecentistas de Goiás, alguns deles se organizaram espacialmente a partir de sínteses urbanas extremamente complexas, resultantes de inúmeras experiências portuguesas de fazer e entender cidades, ao longo de cinco séculos, em lugares e latitudes tão diversas (BOAVENTURA, 2007, p. 205).

A partir daí, tem-se a fundamentação de um conceito do urbano que seria antecedente ao processo de industrialização. Pode-se falar também, que a partir de bens materiais (construções) e das relações sociais nos arraiais e vilas da província de Goiás do século XIX, pensa-se o urbano. Milton Santos, em seu livro *“Por uma economia Política da Cidade”*, também afirma a ideia de que cidade seria o concreto, e o urbano, o abstrato. Desse modo, temos que “considerar que esse processo (urbanização) é fundamental para que possamos compreender como a sociedade se organiza e ainda quais os motivos que proporcionam tal organização” (SANTOS; e SILVA, 2016, p. 97).

O processo histórico levado em consideração para a formação urbana da antiga província de Goyaz, vem então a ser a mineração. Isso permitiu que se formassem vilas e arraiais em torno da província, garantindo a sociedade aspectos como moradia, comércio, funções burocráticas, e que permitisse as relações sociais nesses locais.

Os povoamentos que eram delimitados pela atividade mineradora “eram irregulares e instáveis” (PALACÍN; e MORAES, 1989), o que garantiria núcleos de urbanização espalhados pela província, já que o que delimitaria a criação de certos arraiais e vilas, eram as atividades mineradoras. Palacín e Moraes, destacam três núcleos de urbanização, sendo o centro sul da capitania, onde podemos destacar os antigos arraiais de Meia Ponte e de Santana, atuais Pirenópolis e Goiás Velho, respectivamente, o médio norte, com o exemplo do antigo arraial de Porto Imperial, atual Porto Nacional, e o “verdadeiro norte”. Essa última região incorpora as vilas e arraiais que interessa nessa pesquisa, pois são por onde o viajante George Gardner passou.

O itinerário completo de Gardner pela antiga província de Goiás, se inicia pela Chapada da Mangabeira, situada na divisa do Piauí e a antiga província de Goiás. Ele seguiu para missão de São José do Duro, atual município de Dianópolis, foi para vila de

Almas, um dos municípios mais antigos do atual Tocantins. Em seguida, foi para o arraial de Chapada, que atualmente é o município de Chapada da Natividade, chegou a Natividade, que possui o mesmo nome nos dias de hoje, foi até o arraial de Conceição, atualmente Conceição do Tocantins.

Seguiu para vila de Arraias, que atualmente também recebe o mesmo nome, foi até a aldeia de São Domingos, município no norte do atual estado de Goiás, e atualmente com o mesmo nome. Chegou a Capela de Posse, atual município de Posse no nordeste do estado de Goiás, foi até o povoado de Sítio d'Abadia, atualmente município de Abadia, e seguiu com o objetivo de chegar em Formoso, porém errou o caminho e foi informado que o lugar que queria chegar ficava para trás, a oeste.

Seguiu então até o rio Carinhanha, em Minas Gerais, retornou à província de Goyaz com intuito de chegar à Fazenda Rio Claro, que possuía tal nome devido ao pequeno rio que passa por ali e cai no Urucuia, a cerca de uma légua para o sul. Por fim seguiu para São Romão, já em Minas Gerais.

Quando o viajante chega à Província de Goyaz no século XIX, ele encontra vilas e arraiais que já caminham para uma estagnação econômica. Isso se dá, pois, a partir de metade do século XIX, o ouro já se torna um produto escasso, levando os habitantes a praticarem ainda uma agricultura de subsistência, até que se consolidassem de fato as políticas públicas para produção agropastoril, que vieram a gerar anos depois um novo processo de urbanização a partir do final do século XIX.

Dentre as vilas e arraiais que o viajante passa, e os núcleos urbanos que resistiram desde o século XIX, Natividade e Arraias ganham destaque para se pensar as comparações de como essas eram anos atrás, por meio dos relatos do viajante, e como estão hoje. Isso devido à preservação de aspectos urbanos pelas quais passam/passaram.

Natividade teria suas origens, no que se nomeou arraial de São Luiz, fundado em 1734 por Antônio Ferraz de Araújo, sobrinho de Bartolomeu Bueno da Silva Filho (VAZ, 1985). O local nasceu devido à expansão mineradora. Posteriormente, o núcleo do arraial foi transferido às encostas da Serra de Natividade, passando a receber o nome da serra. A cidade de Natividade conservou-se como arraial durante quase 100 anos e só foi elevada à categoria de vila em 1833, com instalação em 26 de agosto do mesmo ano.

As relações entre colonizadores, escravizados, mineiros, sertanistas, missionários e criadores de gado resultaram no sítio histórico reconhecido pelo IPHAN como Patrimônio Nacional. O casario com cerca de 250 prédios coloniais e igrejas preservadas, entre ruas e muros de pedra construídos por escravizados, guarda a memória do Tocantins e antiga província de Goiás. Sobre a antiga vila, por onde Gardner ficou de outubro de 1839 a fevereiro de 1840, o viajante relata:

A Vila de Natividade está situada perto da base ocidental da extremidade sul da serra já mencionada, que tem o mesmo nome; e, como a maior parte das vilas do interior, é muito irregularmente construída. A população, com cerca de duas mil almas, compõe-se das mesmas raças mistas já frequentemente encontradas. Tem quatro igrejas que, embora bem velhas, ainda se acham inacabadas e não há probabilidade que se acabem. Há também uma cadeia, mas feita de tijolos crus, através dos quais os presos geralmente conseguem fugir de modo que mal se pode chamar prisão. A maioria das casas é edificada do mesmo material. (GARDNER, 1975, p. 157).

Entre as igrejas que Gardner relatou, destacam-se até hoje a de São Benedito, que teria sido construída no século XVIII em alvenaria de pedras pelos escravizados que trabalhavam nas minas de ouro, essa se encontra atualmente quase que totalmente caracterizada, e possivelmente teria sido a primeira Igreja construída no antigo arraial e vila. A Matriz de Nossa Senhora da Natividade, de 1759, seria outra construção extremamente importante, nela se encontra a imagem de Nossa Senhora de Natividade, Santa Padroeira do Estado de Tocantins, possui tribunas em sua arquitetura, representando o poder da construção. Contudo, sofreu algumas descaracterizações em sua fachada e seu interior desde sua construção.

Os escravizados também ergueram a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, construída em pedra canga. A obra, até hoje inacabada, foi iniciada no século XVIII e paralisada por volta de 1817. A cadeia feita de tijolos crus, que Gardner relatou, é atualmente o Museu Municipal de Natividade, o prédio foi construído ainda no período imperial para funcionar como cadeia pública e possui grossas paredes de pedra, originalmente construído com dois cômodos, separando os presos em celas masculinas e femininas. Foram feitas reformas entre 1948 e 1949, e funcionou como cadeia pública até 1995. Só em 1996 passou por restauração e adequação para abrigo do Museu Municipal.



Imagem 01 - Representação da vila de Natividade, feita por William John Burchell.



Fonte: Aguada de 34x50 cm, reproduzida no trabalho de Gilberto Ferrez: *O Brasil do Primeiro Reinado Visto pelo Botânico William John Burchell, 1815/1829*. N. 220. Rio de Janeiro, Fundação João Moreira Salles/Fundação Nacional Pró-Memória, 1981

Imagem 02 – Recriação da imagem de William John Burchell. Largo do Rosário e ruínas da Igreja da Nossa Senhora do Rosário dos Pretos em Natividade.



Fonte: Rodrigo Oliveira, 2022.

Nessa representação de Natividade, feita pelo viajante William John Burchell<sup>4</sup> (1781-1863), que passou pela antiga província goiana em 1828 (11 anos antes da passagem de Gardner), podemos observar ao lado esquerdo, a Igreja de Nossa Senhora

---

<sup>4</sup> Viajante naturalista que veio ao Brasil com o intuito de coletar plantas para um herbário na Inglaterra. Chegou em 1825 e viajou do Rio de Janeiro ao Pará, retornando a Inglaterra em 1830. Passou pela Província de Goiás em 1828.

do Rosário dos Pretos, citada por Gardner como uma das ainda inacabadas em sua passagem pela vila. Atualmente, essa mesma Igreja, que ainda se encontra inacabada, presente no Largo do Rosário em Natividade, e faz parte do patrimônio do município.

Sob a dominação de Ruínas, o que seria o templo dedicado à devoção a Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, chama a atenção pela sua opulência, grandiosidade e beleza. Os vestígios arquitetônicos demonstram que a edificação seria composta pelo programa da arquitetura religiosa construída durante o século XVIII (nave, capela-mor, altar-mor, sacristia e consistório). O monumento é marco simbólico do Tocantins, e foi considerado uma das “Sete Maravilhas do Brasil”. Pelo seu reconhecimento e valor histórico e arquitetônico, as ruínas foram tombadas pelo Estado de Goiás. Depois, recebeu a proteção federal, como parte do Conjunto Arquitetônico, Paisagístico e Urbanístico de Natividade.

O conjunto arquitetônico de “Natividade se destaca por sua simplicidade, e as fachadas das construções são de dois tipos, correspondentes aos ciclos econômicos pelos quais passou, “sendo as mais simples referentes à fase da mineração” (PIÇANO, 2009, p. 73), e as mais ornamentadas ligadas à pecuária (fase que se inicia no final do século XIX).

Natividade, por ser uma cidade que “mantém o seu traçado urbano original compatível com o das cidades coloniais, e por ainda ter um conjunto arquitetônico colonial pouco alterado, foi então tombada” (PIÇANO, 2009, p. 73) em 1987. Contudo, não se instalaram órgãos que fizessem fiscalização assim quando o centro histórico fora tombado, o que gerou alterações em algumas edificações. Só em 1996 o IPHAN começa a fazer visitas temporárias, e depois em 1999 se instala de fato na cidade.

Devido ao seu processo de tombamento, o município de Natividade passou também por intervenções do Programa Monumenta, que tem o intuito de gerar ações que são mais comprometidas com os exercícios de cidadania e melhoria da qualidade de vida das pessoas que vivem em centros históricos. Ademais, tem influência do processo de rentabilidade que os patrimônios passaram a gerar;

A descoberta do patrimônio cultural como fonte de conhecimento e rentabilidade financeira tem transformado os centros históricos dos municípios em polos culturais e incentivado a economia por meio do incremento do turismo cultural e pela geração de empregos. O Programa (Monumenta) conta com apoio dos estados e municípios, de forma que suas intervenções afetam,

direta e indiretamente, a economia, a educação e a cultura local e, assim, facilitam, a inclusão cultural, social e econômica da população (PIÇANO, 2009, Pp. 32-33).

Dentre as ações do Programa, podemos citar a “restauração dos monumentos históricos, revitalização de espaços públicos degradados, capacitação de mão-de-obra local e de agentes de turismo e cultura” (PIÇANO, 2009, p. 33). Ou seja, ações para que os patrimônios sejam bem cuidados, e protegidos, para assim, garantir a memória/identidade, o valor histórico, dessas construções e centros urbanos.

Já Arraias, teria suas origens no arraial Chapada dos Negros, pois com a descoberta do ouro na região, escravizados em fuga, provenientes de São Paulo e da Bahia, esconderam-se no lugar que passou a ser conhecido como Chapada dos Negros, dando origem ao arraial. O garimpo do local era tão rico que, em 1740, Dom Luís de Mascarenhas<sup>5</sup> esteve pessoalmente no arraial e tomou posse dos veios auríferos. Com auxílio do capitão Felipe Antônio Cardoso e com ajuda também dos escravizados, mudou o arraial para outro local, distante três quilômetros, passando a ser arraial e futura vila de Arraias. Sobre a vila de Arraias, Gardner escreve:

A Vila de Arraias está agradavelmente situada em um recôncavo no tabuleiro da Serra, é cercada de todos os lados por baixas colinas de relva, com poucas moitas e pequenas árvores. É uma vila muito pequena, com uma população que não passava de trezentos habitantes. Muitas das casas pertenciam aos fazendeiros, que só as ocupavam em dias de festa. Possui uma única igreja. (GARDNER, 1946, p. 168).

Imagem 02 - Representação da vila de Arraias, feita por William John Burchell.

---

<sup>5</sup> Na época governador da capitania de São Paulo.



Fonte: Aguada de 34x50 cm, reproduzida no trabalho de Gilberto Ferrez: *O Brasil do Primeiro Reinado Visto pelo Botânico William John Burchell, 1815/1829*. N. 217. Rio de Janeiro, Fundação João Moreira Salles/Fundação Nacional Pró-Memória, 1981

Atualmente, a patrimonialização da antiga Chapada dos Negros está em trâmite pelo IPHAN, por possuir ruínas de casas, muralhas, galerias de captação de água, entre outros, além de fazer parte da memória da população de Arraias, devido ao fato de ser o ponto de origem do atual município. Segundo a lei de número 2.199, de 10 de novembro de 2009, a ruína da casa do feitor na Chapada dos Negros é reconhecida como bem de valor cultural e valor histórico do estado do Tocantins. Contudo somente esse espaço fora reconhecido. O restante da Chapada dos Negros está passando por negligência de sua preservação. O local atualmente é uma fazenda, e existem vestígios que ali exista uma mineração irregular.

A luta pela patrimonialização da Chapada dos Negros e do conjunto arquitetônico da cidade de Arraias não é recente, mas adquiriu novos significados a partir de 2010. A Itafós Mineração LTDA iniciou trabalhos na região buscando extrair fosfato e outros minérios. O espaço da Chapada dos Negros, localizada na serra, próximo à instalação dessa mineradora se tornou uma das áreas ameaçadas pelo empreendimento. Do mesmo modo, o córrego que abastece a cidade seria comprometido. Os impactos, se o projeto de mineração continuasse seriam patrimoniais e ambientais, pelo efeito que poderiam exercer sobre as ruínas da Chapada e sobre os veios de água que abastecem a cidade e que vem da mesma serra. Nesse contexto, a patrimonialização se tornou a base de um movimento de defesa territorial (GUADALBERTO; JÚNIOR, 2019, p. 09).

O processo de tombamento do centro de Arraias que atualmente concentra várias casas do período colonial, do século XIX, que permitem conhecer um pouco da arquitetura e da dinâmica social da época, também está em trâmite pelo IPHAN. A importância do tombamento desses locais é de extrema importância, pois assim podem ser restaurados e melhor preservados, garantindo então a identidade do povo que ali vive, e evitando tragédias como o desabamento de imóveis e centros históricos.

Uma dessas casas do período colonial recebeu recursos do IPHAN para restauração e adequação de um museu. O Museu Histórico e Cultural de Arraias (MHCA) é uma instituição cultural, e passou a ser administrado pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), em 2017, por meio do Projeto de Gestão e uso do Museu Histórico e Cultural de Arraias: identidades e memórias, do curso de Turismo Patrimonial e Socioambiental. O local é um dos poucos espaços que preserva a memória, a história e a cultura arraiana.

Ainda é possível ver em algumas casas da época as iniciais das famílias proprietárias dos imóveis. A Igreja Matriz de Arraias, chamada de Paróquia Nossa Senhora dos Remédios ainda está presente no centro de Arraias, porém sofreu descaracterização de seus traços originais em razão de reformas do século XX.

Devido à ausência de preservação de Arraias e da Chapada dos Negros, atores sociais que buscam a proteção visando à patrimonialização, passaram a exercer ações visando preservar esses locais. Dentre esses atores temos

Associação Cultural Chapada dos Negros (ACCN) com a resistência cultural na Chapada dos Negros, é um grupo de capoeira e uma instituição filantrópica. (...) As estratégias de defesa por meio das ações da Associação Cultural Chapada dos Negros são formas de resistência que no seu universo simbólico buscam preservar heranças de suas ancestralidades (GUADALBERTO; JÚNIOR, 2019, pp. 14-15).

As relações de patrimônio e memória/identidade, podem ser tidas como

Testemunhos de um tempo de crise, Hartog opera com um novo “regime de historicidade” que o Ocidente vive desde a Queda do

Muro de Berlim (1989). Esta noção possibilitou compreendermos a complexidade do tempo tanto no sentido de “como uma sociedade trata o seu passado” quanto “a mobilidade de si de uma comunidade”, ou seja, “maneiras de ser no tempo” (HARTOG, 2006, p. 262-263). Tal constatação emerge da observação do autor em relação ao crescimento rápido da categoria do presente, que se impôs como evidência de um tempo presente onipresente, nomeado por ele de “presentismo”, onde se vive entre a amnésia e vontade de nada esquecer (NOGUEIRA, 2014, p. 50).

Desse modo, nota-se que para os habitantes do município, é de extrema importância que tanto a Chapada dos Negros, quanto o centro de Arraias se tornem bens tombados e com políticas de preservação efetivas, devido ao papel de memória que tais lugares possuem, possibilitando que a população possa se identificar com os mesmos. Sendo a Chapada dos Negros, a origem da antiga vila de Arraias, tem-se a vontade de não esquecer os atores que por ali passaram e suas ações.

Com essa luta pela patrimonialização, percebe-se como os habitantes de Arraias “tratam seu passado”, como posto por Hartog. É notável que os mesmos têm sua memória/identidade ligados fortemente ao município e Chapada dos Negros, e portanto, a mesma tem relação com a preservação e patrimonialização dos mesmos.

Essa relação de patrimônio com o papel de memória e identidade que o mesmo exerce, já pode ser observado em Natividade, inclusive tendo como aliado a esse processo o Programa Monumenta. Espera-se que tal movimento possa ser visto em breve também no município de Arraias. A preservação da memória e identidade de um povo é crucial para se manter a história do local, e a patrimonialização só tem a enriquecer esse processo, permitindo a preservação do mesmo, e procedendo esses fatores para as gerações futuras.

### **Considerações finais**

George Gardner foi um viajante que teve muito êxito ao visitar a província de Goyaz, esteve em muitas vilas e arraiais e descreveu cada local detalhadamente, discorreu sobre o número de habitantes, e como estes agiam e eram, habitações, igrejas de cada lugar. Ao ler seus relatos, é possível observar um discurso próprio do europeu que convivia com a expansão capitalista marcada pelo avanço das comunicações, transporte

e indústria. Devido a isso, o viajante relata a estagnação econômica como a condição da província.

Contudo, por meio de seus relatos detalhados, pode-se criar uma imagem acerca de como as vilas e arraiais da antiga província de Goiás eram no século XIX, destacando-se seus aspectos urbanos. Logo, é possível também perceber a formação do espaço urbano nesse local.

Algumas das vilas e arraiais pelos quais Gardner passou, ganham destaque, nesse caso Natividade e Arraias, por apresentarem elementos urbanos que estão presentes até os dias de hoje. Partindo daí, a patrimonialização torna-se de extrema importância para que esses bens que já são tombados, ou que estão em um processo para tal, continuem sendo preservados.

A importância da preservação de centros/conjuntos urbanos se remete a memória e identidade de um povo. Além de contarem aspectos da história dos homens que fizeram parte desses locais, desde o momento de construção dos mesmos, é importante para entendermos processos históricos que por ali perpassaram, até suas influências nos dias de hoje.

### **Referências bibliográficas**

Boaventura, D. (2007). *Urbanização de Goiás no século XVIII*. Tese de doutorado, FAU-USP.

Carlos, A. (2004). *O espaço urbano, novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: Contexto.

Gardner, G. (1975). *Viagem ao interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp.

Gualberto, R.; Júnior, D. (2019). *Patrimonialização da Chapada dos Negros: Atores e processos em Arraias – TO*. Revista Humanidades e Inovação, v. 6, n. 14.

Junqueira, M. (2011). *Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador*. In: JUNQUEIRA, M.A.; FRANCO, S.M.S. (Org.). Cadernos de seminários de pesquisa. v. 2. São Paulo: USP; Humanitas, p. 44-61.

Kury, L. (2001). *Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem*. História, Ciências e Saúde. V. VIII. p. 863-880.

Lencione, S. (2008). *Observações sobre o conceito de cidade e urbano*. GEOUSP – Espaço e Tempo. n. 24, p. 109-123.

Palacín, L.; Moraes, M. (1989). *História de Goiás*. 5ª ed. Goiânia: Ed. da UCG.

Menezes, M. (2018). *Goyaz urbano na primeira metade do século XIX: imagens dos viajantes*. OPSIS (Online). Catalão-GO, v. 18, n. 2, p. 254-268, jul./dez.

Nogueira, A. (2014). *O campo do patrimônio cultural e a história: itinerários conceituais e práticas de preservação*. Antíteses, v. 7, n. 14, p. 45-67, jul./dec.

Piçano, V. (2009). *Preservação patrimonial x qualidade de vida: avaliação pós-ocupação no programa Monumenta – Centro histórico de Natividade – Tocantins*. Dissertação de mestrado em arquitetura e urbanismo pelo PPG da Faculdade de arquitetura e urbanismo da UNB interinstitucional com UFT. Palmas – TO.

Santos, J.; Silva F. (2016). *ANÁLISE DAS FASES DE URBANIZAÇÃO DO TERRITÓRIO GOIANO: uma resposta à atual configuração urbana de Goiás*. Revista Okara: Geografia em Debate. v. 10, n. 01, p. 93-109.

Vaz, M. (1985). *Natividade*. Série: Oito vertentes e dois momentos da arquitetura brasileira. Brasília: MEC – Pró-Memória.